

JOÃO GOMES



► LUZIA INGLÊS

“Existem dificuldades na promoção da mulher”

Luzia Inglês reconhece que existem dificuldades na promoção da mulher. A secretária-geral da OMA afirma que nunca recebeu encontrar-se com a sua homóloga da LIMA.

Pag. 8 e 9

► HELENA ABEL

“Temos de nos sentar e propor um dia nacional”

A secretária-geral da LIMA pede para se encontrar, em consenso com todas as organizações femininas, um dia nacional para a mulher angolana. Tem em agenda um encontro com a homóloga da OMA.

Pag. 11

DOMINGOS CADÊNCIA



PAULO MULAZA



Vendedora numa das ruas de Luanda

MULHER ZUNGUEIRA

Busca incansável do pão familiar

As zungueiras são mulheres determinadas, corajosas, ousadas e contumazes. Tudo fazem para o sustento das suas famílias, ainda que tal signifique enfrentar a chuva, o sol e a poeira. Mesmo com proibições e as quase diárias corridas a fugir dos fiscais nas ruas de Luanda, a bacia carregada de frutas, hortaliças e outros produtos, continua sempre à cabeça.

Pag. 4 e 5

VIDA COMUNITÁRIA

O quotidiano numa aldeia

O quotidiano das mulheres do Mufuna está longe do imaginário de quem vive nas grandes cidades. Marcada pela dureza do trabalho no campo, a vida naquela aldeia do município de Kiwaba Nzoji, província de Malanje, tem aspectos peculiares, próprios das pequenas comunidades, onde impera o espírito de interajuda e a permuta é ainda uma forma privilegiada de comércio.

Pag. 12 e 13

SORAYA PIEDADE

Moda nacional área feminina

Um maior investimento no sector da moda angolana, no sentido das criações de artistas nacionais conquistarem mercados internacionais, foi defendido ontem, em Luanda, pela designer e estilista Soraia Piedade. Ao falar no âmbito do actual estado da moda no país, Soraia Piedade lamentou o facto deste segmento cultural ser pouco apoiado por empresários.

Pag. 16

Angolana

TERÇA-FEIRA, 8 DE MARÇO DE 2016 • ANO 1 N.º 1

KINDALA MANUEL



A TROCA DO ESCRITÓRIO PELA OFICINA

Uma mulher apaixonada por motores

Pag. 3

Maria Rosa Luís é uma das mulheres que sempre apostaram na formação profissional e agora é professora no Instituto Médio Industrial

PARTEIRAS TRADICIONAIS

A muralha contra a mortalidade materno-infantil em zonas rurais

O papel das parteiras tradicionais é reconhecido pelas autoridades da Saúde como agentes promotoras da humanização do parto, a identidade e inclusão social nas comunidades. Dados oficiais referem que, desde 2012, mais de 3.500 mulheres receberam formação nesta área, em acções promovidas pelos Ministérios da Família e Promoção da Mulher e da Saúde. Por todo o país, as parteiras tradicionais são uma muralha no combate à mortalidade materno-infantil. Ana Maria Lelo é uma parteira tradicional bem referenciada na comuna de Malembo, município de Cabinda. Aos 56 anos, já perdeu a conta do número de bebés que vieram ao mundo pelas suas mãos.

Pag. 14

ANTÓNIO SOARES | CABINDA



DESAFIOS

Entrada em força nas Universidades

Nos tempos que correm, é comum ver cada vez mais mulheres a ingressarem nas Universidades, sejam públicas ou privadas, e muitas demonstram melhor desempenho e terminam a formação com resultados mais satisfatórios do que os homens que, apesar de serem a maioria em algumas instituições de ensino superior, "ficam pelo caminho" alegando responsabilidades familiares e sociais.

Pag. 6

Editorial

Dedicação à mulher angolana

Angola é um país de uma riqueza social e cultural extraordinária. Este país tem uma identidade que se chama, muito justamente, Angolanidade. Tem uma história onde se cruzam vivências e culturas de muitos povos de África e do Mundo que atravessaram este território. Quando tentaram desmembrar essa unidade forte que é a Angolanidade, todo o povo disse não. O povo derrotou os divisionistas e a coesão nacional saiu reforçada.

Ninguém melhor que a mulher angolana difunde essa grande riqueza cultural nacional e o potencial de transformação e de progresso social que se manifesta em Angola. Os traços da identidade angolana estão espalhados por todas as imensas regiões e recantos do país e por estratos e segmentos sociais, mas é a mulher que os transmite no quotidiano, no trajar, no trato social, na dança, na música e os projecta para o futuro educando as novas gerações.

A mulher é inovadora: demonstra a sua grande capacidade de adaptação e resistência aos desequilíbrios sociais provocados pelos conflitos armados e os desastres naturais. A mulher é criativa: expressa de maneira viva e elegante as ideias e sentimentos. A mulher é decidida: quando chega a hora de começar de novo, ela está na linha da frente e dá o incentivo para a vitória.

Com a conquista da Independência Nacional, a função social da mulher antes desprezada por preconceitos da mais variada origem, foi dignificada e com a conquista da paz ela mostrou todo o seu poder numa sociedade que combate todas as formas de discriminação e de desigualdade. Depois de terem lutado pela liberdade e vencido as forças invasoras, as mulheres lideraram o processo de mudança para a economia de mercado. Mulheres foram eleitas para cargos de responsabilidade na administração pública. Grandes empresas privadas nacionais, na agricultura, no comércio, na banca, na restauração, nas artes, têm mulheres à frente.

Há um mundo da mulher que é preciso revelar. Numa altura em que se colocam em cima da mesa as questões da batalha da igualdade face ao homem, combate em que a mulher parte em desvantagem, há que reflectir sobre o papel da mulher.

E por essa razão que decidimos lançar hoje, Dia Internacional da Mulher, o primeiro número do Suplemento **ANGOLANA**, um espaço que pretende ser um instrumento de reflexão e de promoção e dignificação da mulher na sociedade angolana e no Mundo.



PEREIRA DINIS

O desafio da reportagem

Lá vai o tempo em que a reportagem era trabalho de homens. Há menos de duas décadas, as Redacções em Angola eram ambientes com predominância masculina, onde até a linguagem usada na comunicação entre companheiros denotava o peso do machismo. Se na rádio e depois na televisão, as vozes femininas ganharam espaço, por força do desempenho de exímias locutoras e realizadoras de programas, nas Redacções o número de mulheres podia, na maioria dos casos, ser contado pelos dedos de uma só mão. Vários factores contribuíam para isso.

O Jornalismo esteve durante séculos associado a comportamentos boémios, onde as muitas derrotas na luta pela verdade e independência editorial resultavam em frustrações afogadas muitas vezes no álcool. Jornadas de trabalho intermináveis, viagens, exposição à sociedade, baixa remuneração e outros elementos de que os jornalistas sempre se queixaram tornavam a profissão pouco convidada para as mulheres.

A somar a isso, estavam as praxes a que sempre eram submetidos os aspirantes a jornalistas, situações que, à luz da legislação actual, podiam resultar em processos administrativos ou mesmo criminais. Sem contar, naturalmente, com a discriminação. Dizia-se mesmo que, por força do estilo de vida, da forma de vestir todo-o-terreno, as mulheres repórteres perdiam um pouco daquilo que se entendia como feminilidade. Mas o caminho foi, aos poucos, desbravado e os tabus ultrapassados.

Nomes de mulheres na rádio e nos jornais abriram caminho na reportagem angolana. Vieram muitas figuras importantes, mas foram ainda pouco mais do que um jarro de água num tanque de tubarões. Hoje, a situação mudou. Jovens mulheres encaram a reportagem com profissionalismo e, mais do que aceites, marcam posição entre as melhores penas do país. Prova disso é este caderno para o qual, talvez por força do preconceito, foram “convocadas”, sobretudo, repórteres do sexo feminino. Para algumas jornalistas envolvidas nesta edição, tratou-se quase um baptismo, mas, encarado o desafio, têm agora no leitor o grande crítico.

JOSINA DE CARVALHO

Março Mulher

Já é Março, mulher. O dia 2 de Março foi consagrado em reconhecimento ao papel das mulheres na luta de libertação nacional contra o regime colonial. Nessa data se enaltecem os feitos heróicos da rainha Ginga Mbandi, Deolinda Rodrigues, Irene Cohen, Engrácia dos Santos, Teresa Afonso, Lucrécia Paim e de outras mulheres anónimas e igualmente corajosas que se juntaram à causa do povo angolano.

O Dia Internacional da Mulher, 8 de Março, adoptado pelas Nações Unidas em Dezembro de 1977, comemora os movimentos femininos formados no início do século XX de reivindicação de melhores condições de vida e de trabalho e do direito ao voto.

Com a crescente tomada de consciência dos seus direitos e das suas capacidades, as mulheres foram conquistando mais direitos e lugares de destaque. As mulheres têm outras habilidades e capacidades, que podem contribuir para a construção de um mundo melhor.

Para o alcance de mais conquistas, várias instituições defensoras das causas femininas promovem em Março actividades que levam a sociedade a reflectir sobre a contribuição das mulheres nos diferentes sectores e os obstáculos para a sua ascensão e melhor condição de vida, incluindo da família. As mulheres reclamam contra as dificuldades de conciliação entre as responsabilidades públicas e privadas falta de apoio dos companheiros, o que resulta na desistência do trabalho e na primazia à família.

O analfabetismo é outro obstáculo, sem esquecer a pobreza, a violência doméstica e as práticas discriminatórias. O Estado angolano combate esses males e cria políticas para a promoção do género. As famílias angolanas esperam o maior envolvimento das autoridades e da sociedade para a prevenção da violência sobre a mulher. A hora é agora. É Março, mulher!

CASIMIRO PEDRO

CARTOON



Angolana



Paginação, Pré-impressão e Impressão: Edições Novembro-E.P
Projecto Gráfico: Albino Camana

Propriedade



Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda
Redacção 222 02 01 74 | Telefone geral (PBX): 222 333 344
Fax: 222 336 073 | Telegramas: Proangola
E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração

- António José Ribeiro (presidente)
- Administradores Executivos**
 - Victor Manuel Branco Silva Carvalho
 - Eduardo João Francisco Minvu
 - Mateus Francisco João dos Santos Júnior
 - Catarina Vieira Dias da Cunha
 - António Ferreira Gonçalves
 - Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril
- Administradores Não Executivos**
 - Olimpio de Sousa e Silva
 - Engrácia Manuela Francisco Bernardo

ANAPaula

Apaixonada por motores, Maria Rosa Luís trocou o trabalho de uma repartição pública por uma vida dedicada à mecânica. Estudou, praticou e aos 65 anos passa esse testemunho às novas gerações como professora do Ensino Médio.

Maria Rosa Luís teve o primeiro trabalho na Delegação Provincial da Justiça, no Huambo, sua terra natal. Durante nove anos, trabalhou como ajudante de escrivão. Mas morava nela o “bichinho” da Mecânica, curso que acabou por seguir até à décima classe.

Por causa da situação política no país e a falta de professores no Huambo, teve de ir para Luanda, onde deu continuidade aos estudos no Instituto Médio Industrial (IMIL). Concluída a formação, ingressou na Base Central de Reparações (BCR) das Forças Armadas e cinco anos depois foi trabalhar nas oficinas da Empresa de Transportes Colectivos Urbanos de Luanda (TCUL), onde esteve quatro anos.

Com a perda do pai, saiu da empresa e acabou por desistir. Meses depois, conseguiu trabalho na Empresa Pública de Águas de Luanda (EPAL), onde permaneceu 11 anos na área de manutenção de motores. Ao mesmo tempo, colaborava com o Instituto Médio Industrial, onde lecciona uma das cadeiras do curso de Mecânica há mais de 18 anos.

“Sinto-me orgulhosa por partilhar o que aprendi com os meus alunos. Muitos deles já ingressaram em várias empresas públicas e privadas”, afirma Maria Rosa Luís, hoje com 65 anos, casada e mãe de dois filhos. Por coincidência, o marido também é mecânico.

Maria Rosa Luís está sempre a actualizar os conhecimentos. No segundo semestre de 2015, frequentou um curso profissional de



Mulheres declaram o amor pelos motores e há muito que decifram e dão solução a problemas relacionados com avarias de diversa natureza

TROCOU O ESCRITÓRIO PELA OFICINA

Mulher apaixonada por motores

Mecânica Maria Rosa Luís é agora professora do Ensino Médio

mecânica-auto no Cinfotec e foi-lhe atribuído um certificado de mérito. Maria Rosa Luís explicou que durante o seu tempo de formação sofreu muita discriminação por parte dos colegas do sexo masculino e chegou mesmo a pensar em desistir e voltar para o

Huambo mas, com a ajuda dos professores, continuou a batalha e saiu vencedora.

Como mecânica, conseguiu comprar um terreno no Zamba Dois, onde construiu uma casa e formou os filhos. O mais velho fez o mestrado em Gestão e o se-

gundo é motorista de profissão. As futuras mecânicas, Maria Rosa Luís aconselha a despirem-se de complexos e a continuarem os estudos.

Sonho realizado

Nazaré Curado tem 18 anos. É uma das alunas da professora Maria Rosa Luís no Instituto Médio Industrial de Luanda. Frequenta a 12.ª classe do curso de Mecânica. A estudante finalista diz ter-se apaixonado pela profissão por influência do pai, que também entende de mecânica-auto.

“Desde os sete anos que queria ser mecânica e agora na vida adulta consegui realizar parte do meu

sonho. Gostava de fazer a formação superior no exterior e, quando regressar, abrir a minha própria oficina-auto”, afirma Maria Rosa Luís

A também finalista Angélica dos Santos, 17 anos, disse ter-se inscrito no curso de Construção Civil, mas o nome saiu no de Mecânica. Sem alternativa, aceitou a situação, porque precisava de estudar, mas os dois primeiros anos foram muito difíceis. Com o tempo e os ensinamentos da professora Maria Rosa Luís, passou a gostar do curso e superou as deficiências. “É o que eu mais gosto de fazer e já sonho com o curso superior de Mecânica”, afirma a jovem finalista.

Bombeiras realçam orgulho no trabalho



Conceição Torcato trabalha há 20 anos e teve formação específica

Conceição Torcato, 38 anos, trabalha há mais de 20 anos como bombeira no posto de combustíveis da Sonangol na Rua I Congresso, período durante o qual frequentou quatro cursos profissionais na área de abastecimento.

Quando é escalada para o turno da manhã, que começa às 6h30, tem de sair de casa às 5h00. Admite ser difícil conciliar a condição de mãe e esposa com a de trabalhadora-estudante, além de lamentar a atitude de muitos au-

tomobilistas que menosprezam a função dos bombeiros. Ainda assim, continua a batalhar. “Não sofro de complexos. Faço o meu trabalho com dignidade, mesmo com o cheiro activo do combustível. Por isso, não ligo ao que as pessoas dizem ou fazem”, afirma Conceição Torcato. Conceição acrescentou que o trabalho a fez crescer na vida. “Hoje, continuo os meus estudos. Estou no segundo ano do curso médio de Ciências Biológicas num colé-

gio privado no período nocturno”, disse, com vaidade. Medina da Silva, 40 anos, é mãe solteira e vive com os dois filhos. Concluiu o curso médio de Contabilidade, mas trabalha há cinco anos no posto de revenda de combustível da Sonangal na Rua Comandante Gika.

Residente no Golfe 2, conta com o apoio da mãe para cuidar dos filhos enquanto trabalha. Sai de casa por volta das 5h40 e regressa depois das 19h00. Domingas da Costa, 35 anos, também trabalha num posto de combustível. Embora lamenta a postura de certos motoristas, cuja educação deixa muito a desejar quando se dirigem às bombeiras, manifestou orgulho por aquilo que faz.

“É como tudo. Procuramos não responder às faltas de respeito. O mais importante é que ganho o meu pão com dignidade”, referiu, para acrescentar: “Há clientes respeitadores, que conhecem a nossa dura tarefa e muitas vezes nos ajudam”.



Jovens aficionadas da mecânica demonstram grande habilidade

MULHER ZUNGUEIRA

A busca incansável do sustento

Vendedoras ambulantes na Rua Marien Ngouabi são persistentes e determinadas

NILZA MASSANGO

M. MACHANGONGO

As “zungueiras” são mulheres determinadas, corajosas, ousadas e muito contumazes. Tudo fazem para o sustento das suas famílias ainda que tal signifique enfrentar chuva, sol e poeira. Mesmo com proibições e as quase diárias corridas a fugir dos fiscais nas ruas de Luanda, a bacia carregada de frutas, hortaliças e outros produtos, continua sempre à cabeça. Um verdadeiro exercício de acrobacia que as ruas ensinam.

Vendedoras que zungam na Rua Marien Ngouabi, na Maianga, falaram ao Especial Angolanas, em alusão ao “Março Mulher”. O que as zungueiras vivem todos os dias nas ruas de Luanda, com o filho às costas e a bacia com mercadoria colada à cabeça, representa um ritual diário em busca do sustento da família. Nisso tudo, um pormenor salta à vista: o sorriso radiante que nunca falta.

Nada diferente das mulheres que ingressam nos vários sectores de trabalho, que deixam as suas casas, maridos e filhos, em busca do pão de cada dia, e mais do que isso, na procura de afirmação que é cada vez mais visível na nossa sociedade e no mundo inteiro.

Existem mulheres em cargos de liderança sem preconceitos e com “punho forte”, que aceitam desafios que outrora só os homens se viam capazes de enfrentá-los. Em Angola há muito que o mito urbano caiu por terra.

Hoje há mulheres na política, na economia, na banca e existem também mulheres juristas, mecânicas, motoristas, engenheiras, pescadoras, abastecedoras de combustível, médicas, taxistas, pilotos, empresárias e vendedoras. Afinal, a mulher foi sempre capaz.

Meury Francisco é zungueira. Tem 30 anos, dos quais dez dedicados à venda ambulante, uma actividade que começou a exercer quando parou de estudar na sétima classe e engravidou do primeiro filho.

Ao contrário das outras zungueiras que se esgueiravam de perguntas e flashes, Meury Francisco deu o rosto e como mulher mostrou que vender é um trabalho digno como outro qualquer que merece respeito e o reconhecimento de todos, desde que cumpram as regras estabelecidas pelas autoridades.

“Já sonhei ser enfermeira, doutora, uma mulher de sucesso, com aqueles grandes carros”, desabafou. Meury Francisco acrescenta que já ficava satisfeita com o trabalho doméstico,



Meury Francisco é zungueira há 10 anos e aprendeu que a vida exige sacrifícios constantes e muita dedicação

que tanto procura, há alguns anos, sem sucessos. Reconhece, por isso, que lhe faltam valências para prestar bons serviços domésticos e que a solução passava pela formação.

Quando a equipa do Especial Angolanas falou da existência de centros femininos de forma-

ção doméstica, Meury mostrou-se animada e prometeu procurar os centros por entender que nelas está a oportunidade de mudar de vida. A jovem lamenta o que a vida lhe reservou, mas dá graças pela casa que construiu, fruto da venda ambulante. Hoje, o dinheiro da venda de produtos

do campo serve para pagar a escola das crianças e o que restar “para comer”. Sem revelar o número de filhos que tem, Meury diz que até agora tem sido possível alimentá-los, pois aprendeu a focar-se no essencial.

Meury Francisco é da província de Luanda e vive com o marido, no bairro Prenda.

A força que a faz percorrer quilómetros a pé com o peso à cabeça e zungar do Prenda, Chicala e na Ilha do Cabo, vem do desejo de dar uma vida melhor aos filhos. Nesta vida, as vaidades são deixadas de lado. Ainda assim, uma vez ou outra, Meury consegue gastar com arranjos do cabelo, unhas, roupas, mi-mos que nenhuma mulher dispensa. Caros ou não, os arranjos com o cabelo e unhas elevam a sua auto-estima e agradam ao marido.

Necessidade comum

No negócio que gasta 15 a 20 mil kwanzas ao comprar hortaliças no mercado do Sábado, em Cacucaco, Meury consegue lucrar cinco a dez mil kwanzas, dependendo dos dias. Vender à porta da Martal tem uma vantagem, os clientes mal sabem pedir descontos e compram muito bem. Elas andam sempre em

grupos de duas, três a quatro mulheres e desse ambiente surgem amizades, repletas de companheirismo, ajuda mútua e muita solidariedade pelo meio. Helena Ernesto e Susana Lourenço são companheiras de venda de Meury Francisco. Todas moram no Prenda.

A necessidade de todas é comum e resume-se na criação de espaços para poderem vender sem problemas com a lei e deixarem de passar humilhações, principalmente aquelas em que têm de pôr-se a correr por se sentirem infractoras diante do serviço dos fiscais, que visa impedir a venda em locais impróprios na cidade capital.

Elas dizem que a sua preferência recai sobre espaços, semelhantes a praças, para a realização de feiras que têm sido muito produtivas. São muitas as queixas sobre a violência que passam por parte dos fiscais quando, em primeira instância, eles deviam apelar à sensibilização.

Muitas vezes, disse Helena, já receberam garantias de espaços de venda por parte da Administração Distrital da Maianga. Mas até ao momento, nada feito e continuam a vender nas ruas. A praça do Prenda, na Avenida Revolução de Outubro, está abarrotada, sem caberem mais vendedores.



PAULO MULAZA

Zungueiras da Rua António Barroso em plena actividade

das famílias

“Sabemos que é proibido vender na via pública, mas sabemos também que a violência por parte dos fiscais é crime. Todos os dias corremos risco de atropelamento por causas das corridas. Os fiscais aparecem do nada e às vezes, vestidos à civil, em carros com vidros escuros e criam um alvoroço de assustar”, disse Helena Ernesto. “Muitas vezes corro porque as outras estão a correr. Corremos só por medo. Sinto pelas colegas que levam crianças nas costas. Um lugar para vender ia ser bom”, acrescentou.

As zungueiras de Malanje

Do Golfe II à Maianga, é o percurso diário da zungueira Telma Faustino, de 23 anos. Com a amiga Tércia Fula, também vendedora ambulante. Entre dedos de conversas, saem do Kilamba Kiayi de táxi até ao 1.º de Maio e daí seguem a zungar até à Maianga, com destino à Rua Marien Ngouabi. Diferente de Meury Francisco, Telma Faustino percorre as ruas de Luanda,

há um ano, algumas vezes solitária, e outras acompanhada da sua amiga de luta. É de Malanje e vive em Luanda há seis anos. Durante este tempo, diz que teve momentos bons, apesar de tudo. “As pessoas pensam que sofremos muito. Até é verdade, mas nós que vivemos o sol, a poeira e a chuva na pele, nem sempre vemos assim as coisas. Não temos quem nos dê e onde tirar senão for a vender nos bairros e de rua em rua”, disse Telma, apesar de visivelmente acanhada e com grande desconfiança.

É tímida e enquanto falava ao Especial Angolanas, esteve sempre em permanente alerta por causa dos fiscais que estão sempre a rondar. Não parava quieta com a bacia à cabeça. Depois de alguma insistência, Telma parou e deu o seu depoimento sobre o que é ser uma mulher zungueira em Luanda. Não escondeu as grandes dificuldades por que passa, impostas pela actividade. Para ela, o que importa são os ganhos e as coisas bonitas que vive no dia a dia.



“Zungueira” carrega bacia de frutas inteiramente produzidas no país



O sorriso radiante sempre presente

Do pouco tempo que vende frutas nas ruas de Luanda, debaixo do sol e por vezes da chuva, Telma Faustino sabe que leva uma vida de sacrifícios mas sem desistir nunca. Telma Faustino e Tércia Fula são persistentes. São mulheres de “garra”. Estão sempre a trabalhar. Quando não estão a zungar, montam uma barraca à porta de casa para vender frutas e legumes, enquanto aproveitam para descansar.

Muito cautelosa na abordagem, Tércia Fula tem uma razão para isso, as redes sociais. Não tem smartphone nem tão-pouco qualquer dispositivo ligado à Internet. Sabe do alcance e perigo das redes sociais quando mal usadas. O telemóvel que tem só serve mesmo para efectuar e receber chamadas. “Assim estão a me tirar fotografias para depois me porem no facebook? Se for para isso, não quero”, advertiu Tércia Fula.



A mulher angolana revela sempre muita persistência e coragem



Uma cliente habitual compra as hortaliças que são importantes para a dieta das famílias angolanas

DESAFIOS PERANTE O FUTURO

Mulheres com melhores resultados nas Universidades

ALEXASONHI

Nos tempos que correm, é comum cada vez mais ver mulheres a ingressarem nas Universidades, sejam públicas ou privadas, e muitas demonstram melhor desempenho e terminam a formação com resultados mais satisfatório do que os homens que, apesar de serem a maioria em algumas instituições de ensino superior, "ficam pelo caminho" alegando responsabilidades familiares e sociais.

Ana Maria de Carvalho, 30 anos, conheceu o marido na Universidade Privada de Angola (UPRA), quando frequentava o primeiro ano do curso de contabilidade e gestão. Ao transitar para o terceiro ano, o marido acabou por anular o ano alegando ter responsabilidades acrescidas no serviço, o que lhe impedia de estar presente em todas as aulas. Mas Ana Maria, apesar de trabalhar, cuidar da casa e dos filhos, ainda assim com muito sacrifício prosseguiu a sua formação superior.

Ao *Angolana* Ana Maria contou que vezes sem conta cuidou da casa e dos filhos para mais tarde passar noites em claro a rever as matérias escolares e no dia seguinte ter de sair cedo de casa para o trabalho. "Foi graças a esse esforço, durante os últimos dois anos, que saí no quadro de honra como uma das melhores estudantes e recebi inclusive um certifi-

cado de mérito como melhor estudante do curso de contabilidade, durante a cerimónia de outorga dos diplomas em 2013", disse com satisfação.

Resultado desse empenho, Ana Maria é hoje responsável da área financeira de uma empresa privada no ramo da construção civil. E nesta área, a jovem contabilista é a única mulher no meio de dez homens.

A semelhança de Ana Maria está a Albertina Delgado, chefe de departamento de Finanças da Universidade Católica de Angola, que foi estudante da instituição de ensino superior com excelentes resultados, o que lhe valeu depois da formação um trabalho, como disse com uma certa emoção, "num cargo de grande responsabilidade".

Albertina Delgado é a prova viva de que as mulheres não servem só para cuidar do lar, porque em termos de qualificações académicas e profissionais elas fazem igual ou até melhor do que muitos homens. Por esta razão, fruto da aplicação "brilhante" que teve nas aulas, a Universidade Católica de Angola patrocinou o curso de mestrado de Albertina Delgado na área de finanças em Portugal e hoje a jovem gestora acumula a docência com o cargo de responsável da área de finanças da Universidade.

Além destas mulheres, existem mulheres com gosto pela formação superior e quicá profissional. O *Angolana* visitou duas ins-



Maria Helena Miguel é vice-reitora para os Assuntos Académicos da Universidade Católica de Angola

tuições de ensino superior para saber quantas mulheres têm e os cursos com mais procura.

Universidade Católica

A vice-reitora para os Assuntos Académicos da Universidade Católica de Angola (UCAN), Maria Helena Miguel, disse que no ano

lectivo passado inscreveram-se 4.800 estudantes e deste número os homens superam a lista, mas ainda assim existem cursos onde as mulheres estão na frente, como no caso dos cursos de Psicologia onde estão inscritas 330 mulheres e 124 homens, enquanto no curso de Saúde estão inscritas 140 mulheres e 40 homens.

"No curso de línguas estão matriculadas 93 mulheres e 53 homens, ou seja o número de mulheres varia muito de curso para curso. Mas no final dos cursos, incluindo até aqueles onde os homens lideram as listas, as mulheres sempre tiveram vantagens porque terminam os cursos com melhores resultados", realçou a vice-reitora da Universidade Católica de Angola.

Maria Helena Miguel explicou que se for feito um balanço dos alunos formados até 2014, dos 2.548 licenciados nos vários cursos, 57 por cento são mulheres e 43 por cento são homens, o que quer dizer que apesar de haver mais homens matriculados na Universidade Católica de Angola, ainda assim, em termos de aproveitamento, as mulheres sobressaem. Além das matriculadas, existem algumas na direcção da Universidade como é caso da própria vice-reitora, a de-

cana da Faculdade de Direito, a directora dos Recursos Humanos e a directora de Finanças.

Universidade Agostinho Neto

Na maior Universidade pública do país, a média de participação das mulheres na vida académica e social é de 48 por cento. As estudantes em graduação são 7.483, as docentes são 259, as não-docentes 453.

O director do gabinete de informação e documentação da Universidade Agostinho Neto, Arlindo Isabel, disse que existem três mulheres decanas, outras três dirigem os centros de investigação e mais três estão colocadas nos serviços centrais da Universidade Agostinho Neto.

Como chefes de departamento de apoio existem 16 mulheres, 14 que desempenham as funções de chefe de departamento de ensino e investigação das unidades orgânicas, e 42 a ocuparem os cargos de chefes de repartição. Os cargos de chefe de secção na Universidade Agostinho Neto, um total de 48, são ocupados por senhoras. Tudo isso é prova de que as mulheres, há já algum tempo, têm vindo a ocupar lugares de destaque que anteriormente eram exclusivos dos homens.



JOÃO GOMES

RUMO À IGUALDADE DE GÉNERO

Mais espaço no mercado de trabalho

ARCÂNGELA RODRIGUES

A sociedade angolana tem sido palco de várias mudanças políticas, culturais, sociais e económicas. Os resultados destas transformações deixam cada vez mais visíveis as desigualdades sociais traçadas na esfera laboral, devido à entrada de mulheres no mercado de trabalho resultado dos modelos de inclusão e integração social da mulher.

Em Angola, em certos círculos as mulheres ainda são discriminadas, são chamadas de parideiras e domésticas. A dependência económica das mulheres é um mecanismo de controlo às suas próprias vidas. A inserção da mulher no mercado de trabalho deu origem a várias mudanças na produção e na organização do trabalho.

A sua trajectória nos últimos anos tem sido progressiva, desde a educação baseada exclusivamente no cuidado do lar até à integração em todos os níveis de escolaridade.

Para fortalecer a sua posição no mercado de trabalho, a redução do número de filhos é um dos factores que tem contribuído para reforçar a eficácia da mão-de-obra feminina. Com menos filhos, as mulheres têm mais facilidade em conciliar o papel de mãe e trabalhadora porque a actividade produtiva fora de casa passou a ser importante.

A evolução do trabalho das mulheres é constante sejam elas operárias de fábricas, trabalhadoras de comércio, do campo e entre outras. Ainda que os problemas criem dificuldades ao seu desempenho profissional, afectando o seu quotidiano, as mulheres conseguem conciliar o papel de trabalhadora, esposa, mãe e dona de casa.

As transformações que acontecem na sociedade, sobretudo no mercado de trabalho, incentivam o Executivo na criação de mais Centros de Formação Profissional, de modo a qualificar cada vez mais as mulheres e homens de forma a responderem os requisitos estabelecidos no âmbito laboral.

Mercado de trabalho

Em Angola, o espaço da mulher ainda se circunscreve muito à esfera doméstica e ao comércio. Actualmente é comum observarmos mulheres a trabalhar em funções que até há pouco tempo eram dominados por homens, como operárias, engenheiras mecânicas, de construção civil, electricistas e operadoras de máquinas.

A dependência dos interesses aumenta o seu desenvolvimento tornando-as cada vez mais ágeis. Com a oitava classe concluída, Inês Rafael, de 52 anos, não bai-



De pedagoga da Instrução Primária a analista de primeira classe na Lactiangel Josefina Mário acredita no poder da formação



A operária Inês Rafael com dois pacotes de manteiga mostra a qualidade dos produtos "Made in Angola"

xou os braços, foi à luta e hoje trabalha como operária de primeira classe na fábrica Lactiangel.

A operária explicou que trabalhou como professora, o salário que ganhava não era suficiente para cobrir as despesas e por isso teve de procurar outro trabalho. "Graças à ajuda de uma amiga consegui entrar para a Lactiangel", disse Inês Rafael, com uma certa satisfação e adiantou que, quando entrou para empresa, não conhecia nada do seu tra-

balho e tudo o que aprendeu foi resultado das formações que recebeu na empresa.

Com três filhos, Inês Rafael realçou que gosta do que faz e quando entrou para a empresa trabalhou durante três anos na secção de produção de manteiga, de seguida passou para a secção de gelados e actualmente funciona na área de produção de leite.

Inês Rafael disse que as despesas de casa e as propinas da escola dos filhos são fruto do salá-

rio que ganha. Inês Rafael vive no bairro da Estalagem, todos os dias sai de casa por volta das cinco horas e deixa os filhos ao cuidado da mãe.

Diariamente Inês Rafael faz o seu percurso de táxi, pagando pela viagem o preço de 200 a 300 kwanzas. Explicou que, na área onde trabalha, é a única mulher. Quando entrou nos quadros da empresa, o trabalho era feito em três turnos, várias foram as colegas que desistiram, porque não

aguentavam trabalhar à noite.

Inês Rafael disse nunca sofreu nenhum tipo de discriminação na Lactiangel. As novas tecnologias surgiram para Josefina Mário, uma mulher que se considera privilegiada, com o curso médio de Pedagogia de Instrução Primária e actualmente funciona como analista de primeira classe na fábrica da Lactiangel.

Sem complexos, conta que trabalhou como negociante, na área de corte e costura na empresa Confex. "Tive a sorte de conseguir o meu primeiro trabalho na fábrica da Lactiangel e há cinco anos trabalho na empresa", afirmou a analista que reconhece que na secção do laboratório onde funciona "caiu como pára-quedista", porque não possuía formação.

"O cargo e o lugar onde me encontro a funcionar foi da responsabilidade da minha ex-colega, chefe e engenheira que pacientemente todos os dias me transmitiu os seus conhecimentos", recordou, com uma certa carga de emoção.

De princípio, disse, foi um bicho-de-sete-cabeças mas com vontade e dedicação e com as novas tecnologias conseguiu aprender e a mestre disse-lhe um dia que estava apta a exercer a actividade de analista.

Com quatro filhos e com 42 anos, a analista pensa em continuar os estudos, porque o salário que aufera dá para concretizar o projecto de formação académica. Com casa própria, localizada no bairro da Fubú, por detrás do Projecto Nova Vida, Josefina Mário reparte as tarefas de casa com a filha mais velha.

► ENTREVISTA **LUZIA INGLÊS “INGA” SECRETÁRIA-GERAL DA OMA**

Existem dificuldades na promoção da mulher a todos os níveis

A mulher angolana é de forma geral valorizada pela sociedade mas “nem tudo é um mar de rosas” pois “ainda há muitas situações por resolver” afirma a secretária-geral da Organização da Mulher Angolana (OMA) Luzia Inglês Van-Dúnem “Inga”

ANAPaula

Angolana - Como avalia a situação actual da mulher em Angola?

Luzia Inglês - A mulher angolana, de uma forma geral, sente-se reconhecida e valorizada, como elemento que está a progredir, a evoluir na sociedade. Desde a altura em que resolvemos pôr termo à colonização e defender a integridade territorial, a mulher procurou estar presente. Fomos participantes nesse processo. Apesar dos esforços da direcção política do partido, na pessoa do Presidente José Eduardo dos Santos, ainda há al-

gumas dificuldades na promoção da mulher a todos os níveis. Nos 40 anos de Independência Nacional, registaram-se muitas conquistas em prol da mulher. A principal foi a obtenção da paz que beneficia homens, mulheres, crianças e idosos. Outras conquistas foram a Constituição, que defende a mulher, no quadro dos direitos humanos, o Código de Família, que define o papel de cada membro e realça o papel da mulher no seio familiar, e a legislação sobre a Lei da Maternidade. Sobre esta lei, em particular, temos a realçar os benefícios do período de três meses de repouso concedidos à mulher

Um dos grandes problemas que temos no país é o alembamento porque os pais pedem mais do que deviam na carta de pedido e acabam por vender as filhas. Digo aos pais que uma filha não é nem pode ser uma mercadoria.

após o parto, o que permite acompanhar melhor o desenvolvimento do bebé nessa fase crucial. Os três meses satisfazem-nos, um período de repouso mais longo tinha outras implicações. Existem países em que a lei estipula seis meses ou um ano. Imagine-nos, em África, com uma produção e desenvolvimento baixos, termos a mulher a ficar em casa a cuidar do bebé já com seis meses ou um ano com salário, porque está a cuidar do bebé. Nunca mais íamos trabalhar.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Angolana - Qual é a sua opinião sobre a situação da violência doméstica?

Luzia Inglês - Pelo que se constata nos diferentes encontros internacionais, a violência doméstica é considerada um mal que está disseminado pelo mundo inteiro. Há necessidade de um estudo conjunto para formular estratégias para combatê-la. Nos últimos tempos constatam-se situações anómalas no nosso país. Quando se fala de violência doméstica, incluiu-se a violência sexual, que às vezes é traduzida pela obrigação.

Angolana - Pode esclarecer?

Luzia Inglês - Por exemplo, uma menina com 15 ou 16 anos, mesmo que seja casada, se não estiver com vontade de realizar o acto e for obrigada, isso também constitui violência domés-

tica. Os maus-tratos, a violência física, psicológica, ofensas morais e outros actos estão dentro da Lei da Violência Doméstica. Esses aspectos estão a ser agora aprofundados e há uma particular preocupação com os casos de violação de menores de tenra idade, como os chegados aos centros de aconselhamento da OMA. Antes, ouvíamos falar de violência sexual contra menores de 12 a 14 anos. Quando começam a baixar dos 12 anos, a situação é assustadora.

Angolana - As suas declarações a propósito da punição dos violadores de menores geraram alguma polémica.

Luzia Inglês - Nunca defendi a pena de morte para os violadores. Nunca disse isso. Com base na pergunta que um jornalista me fez sobre se a nossa lei era muito branda, apenas disse que nós não tínhamos pena de morte, nem prisão perpétua. Não queremos a pena de morte, mas vamos ter de encontrar castigos severos para os violadores se arrependerem de uma vez por todas.

Angolana - O que acha do alembamento?

Luzia Inglês - Um dos grandes problemas que temos no país é o alembamento, porque os pais pedem mais do que deviam na carta de pedido e acabam por vender as filhas. Digo aos pais que uma filha não é, nem pode ser, uma mercadoria, tem de ser valorizada. Vamos trabalhar para consciencializar as nossas

mulheres a reverem isto. Dá-se simbolicamente o que se tem, não se pode fazer uma lista enorme com bens de grande valor para o pedido.

MULHER RURAL

Angolana - A principal preocupação continua a ser a mulher do meio rural. Que saídas aponta para mudanças na condição da mulher?

Luzia Inglês - Temos dado uma atenção particular à mulher rural, sobretudo depois da grande conferência promovida pelo Presidente da República, José Eduardo dos Santos, em 2014. As grandes preocupações e projectos visam ajudar a elevar o nível das nossas mulheres nessas áreas. A OMA esforça-se, juntamente com o Executivo, para melhorar as condições de trabalho das mulheres e garantir-lhes acesso a todos os sectores, assim como para os bens por ela produzidos chegarem ao mercado consumidor. Elas produzem e não têm como escoar os produtos, mas se houver lojas próximas para vender os produtos, vão ter dinheiro, vão criar pequenas, médias e grandes empresas. Uma das grandes apostas é sensibilizar as mulheres para entrarem para o ensino, trabalhar para a diminuição do analfabetismo. Já temos os nossos centros de formação, mas vamos aprofundar o trabalho para dar capacidades profissionais



Luzia Inglês diz que uma das grandes apostas é sensibilizar as mulheres para entrarem para o sistema educativo



A violência doméstica é considerada um mal que está disseminado

JOÃO GOMES



JOÃO GOMES

básicas e depois incentivá-las para terem vontade de continuar os estudos e obterem uma profissão mais digna, mesmo sendo no meio rural.

REPRESENTATIVIDADE

Angolana - A percentagem de mulheres no poder Executivo, Legislativo e Judicial reflecte o peso histórico, social, económico e as aptidões demonstradas por elas?

Luzia Inglês - Ainda enfrentamos algumas situações que nos preocupam, apesar de estarmos, de alguma forma, satisfeitas, ao vermos um esforço por melhorias. Ao nível do meu partido, dos 311 membros do Comité Central, somos 113 mulheres, o que corresponde a 36,3 por cento. Sentimo-nos mais ou menos satisfeitas. Em outras áreas, ainda estamos com muitas debilidades. Por exemplo, temos apenas duas primeiras-secretárias provinciais. Esse número, que corresponde a 11 por cento, está muito abaixo das recomendações das organizações internacionais, que apontam para uma percentagem de 30 por cento. Ao nível dos comités municipais, as secretárias são apenas cinco por cento e comunais 16 por cento.

Angolana - E ao nível do poder legislativo?

Luzia Inglês - Ao nível do Parlamento, encontramos alguma satisfação. Dos cinco membros da Mesa da Assembleia Na-

cional, duas são mulheres, o que significa 40 por cento. Temos 83 deputadas em 220 lugares parlamentares. Aqui também estamos satisfeitas. Cinco dos dez secretários das comissões de trabalho são mulheres. É bonito: 50 por cento. As mulheres, quando estão num determinado lugar, desempenham as suas funções com grande dedicação. É de reconhecer que, nestes aspectos, a luta da mulher é a duplicar, mas também aqui nos sentimos satisfeitas. Na Comissão Permanen-

te da Assembleia Nacional, temos 11 mulheres em 31 membros, equivalente a 15 por cento, o que também é satisfatório.

Angolanas - E quanto ao Poder Executivo?

Luzia Inglês - É ao nível do Executivo que encontramos a grande dor de cabeça. Dos 33 ministros, apenas oito são mulheres, o que representa 24 por cento. Secretárias de Estado, temos apenas dez. Não há necessidade de haver esta disparidade, porque temos muitas mulheres

capazes, com formação superior e maduras politicamente.

A discriminação, de uma forma geral, na sociedade, parte da mentalidade dos homens que têm receio de dar capacidade económica e financeira à mulher. Isso é ciúme por parte deles, é uma luta pelo poder económico e financeiro. As mulheres, hoje, enquadram-se em todo o tipo de trabalho, nas Forças Armadas e na indústria. O homem é muito preguiçoso. Onde temos a grande situação difícil é ao nível dos governos provinciais. Temos apenas duas governadoras. Dos 55 vice-governadoras, temos apenas 13 mulheres. Em 162 municípios, temos 42 administradoras e 18 vice-administradoras. Isso significa 11 por cento, 23 por cento, 25 por cento e 11 por cento. Dos 547 administradores comunais, apenas 27 são mulheres, e adjuntas 43. Aqui está a explicação por que, como o homem não gosta de andar, vai a mulher.

Angolana - Como assim?

Luzia Inglês - Por exemplo, no Cuanza Norte escolheram uma mulher para administradora municipal de uma área de difícil acesso e desenvolvimento. Como o homem não gosta de andar, escolheram uma mulher, que caminha e soluciona tudo. A mulher cumpre o programa de trabalho.

Ao nível da diplomacia, a situação é a mesma. Apenas oito dos 56 embaixadores são mulheres (14 por cento), nove de 55 conselheiros, entre primeiros secretários, são 17 em 69. São percentagens muito baixas.

JOÃO GOMES



Luzia Inglês secretária-geral da Organização da Mulher Angolana

Ainda enfrentamos algumas situações que nos preocupam apesar de estarmos de alguma forma satisfeitas ao vermos um esforço de melhoria. Ao nível do meu partido, dos 311 membros do Comité Central somos 113 mulheres, o que corresponde a 36,3 por cento.

a reflectir, nos diversos níveis, sobre a situação da representatividade feminina nos órgãos de decisão. Estamos a lutar para atingir entre 30 e 40 por cento de representação, apesar de já se exigirem 50 por cento. Queremos reforçar a alfabetização como uma tarefa de grande envergadura para a OMA.

Angolana - Tem programado algum encontro com a sua homóloga da Liga da Mulher Angola (LIMA)?

Luzia Inglês - Predisponho-me a um encontro com ela. Até porque nós, líderes das organizações políticas femininas, temos uma estrutura comum onde muitas vezes nos encontrávamos, o que não acontece há muito tempo. À medida que algumas desavenças surgem no âmbito político dos nossos partidos, nós da OMA não nos afastamos, mas elas da LIMA afastam-se. Recusam-se a estar connosco. Na Rede Mulher é onde, em princípio, devemos todas estar juntas para discutirmos os problemas da mulher. Vamos ver depois deste Congresso como revitalizar esses encontros para abordarmos questões específicas da mulher. Eu, Inga, não tenho problemas nem receio de estar com elas, até porque, como mulheres, damos-nos bem, onde nos encontramos tratamo-nos com respeito. Somos mulheres e estamos a lutar por uma causa comum.

Angolana - Como mãe, que conselhos deixa para os jovens do nosso país?

Luzia Inglês - Somos mães e queremos que os nossos filhos cresçam, mas devemos acompanhá-los de perto e não deixá-los abandonados por muito tempo. As crianças têm de criar o hábito de estar mais próximas dos mais velhos, tratando-os com respeito e ouvindo-os. Devem ir à escola porque a tarefa deles, enquanto crianças, é estudar. Temos recebido informações de crianças que saem de casa para irem à escola, mas, chegadas lá, não entram na sala de aulas e desviam-se para lugares desaconselháveis e acabam por ser violentadas. Aconselho os pais e encarregados de educação a terem um tempo, enquanto estiverem a resolver problemas durante o dia, para passarem pelas escolas e verem se os filhos estão mesmo na sala de aulas. Cuidem também da educação deles e acompanhem-nos para que não se sintam abandonados.

PROJECTOS

Angolana - Quais os principais projectos da OMA para depois do congresso?

Luzia Inglês - Depois do congresso, vamos fortalecer os métodos de trabalho, capacitar as nossas militantes com palestras, seminários, para haver uma maior intervenção nas bases, comunas, municípios, províncias e a nível nacional. A OMA vai trabalhar para garantir o aumento do nível da consciência política, ideológica e patriótica. Nos centros de aconselhamento, em parceria com outras organizações da sociedade civil, vamos aprofundar as questões relativas à educação moral. Continuamos

Mês da Mulher Unitel



O DOBRO DAS MENSAGENS

Recargas Toque Toque

ANTES

60 SMS

150 SMS

AGORA

120 SMS por **360 Kz**

300 SMS por **720 Kz**

Oferta válida de 1 a 31 de Março de 2016.

nº apoio ao cliente

19 192

www.unitel.ao



UNITEL

O próximo mais próximo.

(100.182)

► ENTREVISTA **HELENA ABEL SECRETÁRIA-GERAL DA LIMA**

“Temos de nos sentar e escolher o dia nacional da mulher angolana”

A secretária-geral da Lima, a organização feminina da UNITA, pede para se encontrar, em consenso com todas as organizações femininas, um dia nacional para a mulher angolana. Na sua agenda pessoal está um encontro com a homóloga Luzia Inglês “Inga” para debaterem as questões das mulheres.

DOMINGOS CADÊNCIA

ARCÂNGELA RODRIGUES

Angolana - Como avalia a actual situação da mulher em Angola?

Helena Abel - A actual situação da mulher em Angola é abrangente desde as questões políticas, sociais, económicas e culturais. A única particularidade da mulher é que ela desempenha alguns papéis específicos. Essa particularidade consiste na tarefa de mãe, esposa, irmã, trabalhadora, empregada doméstica e vendedora ambulante. Actualmente, são várias as mulheres que ocupam um papel central dentro da família, desde a educação, cuidados primários e assumem o papel de pai e mãe ao mesmo tempo.

DOMINGOS CADÊNCIA



Preservar os valores culturais

Angolana - Os avanços registados nos 40 anos de Independência em matéria de promoção da mulher e igualdade de género satisfazem a LIMA?

Helena Abel - Não, porque a mulher continua desamparada. Um exemplo a ter em conta é a actual situação que estamos a viver e que é imputada à questão da guerra, que já terminou há 14 anos.

Angolana - Que saídas aponta para se melhorar a condição da mulher?

Helena Abel - Uma das condições é tornar as mulheres empreendedoras. O direito ao crédito no nosso país ainda não é substancial. A mulher, ao solicitar um crédito ao banco, só recebe o equivalente a 100 dólares e este valor não é suficiente para realizar os seus projectos. Os bancos não se compadecem em considerar que esta mulher a quem concederam o crédito vem de uma situação economicamente baixa e tem de vender o pouco que tem para amortizar a dívida com o banco.

Angolana - A percentagem de mulheres no poder Executivo, Legislativo e Judicial reflecte o seu peso histórico, social, económico e as aptidões demonstradas?

Helena Abel - Tendo em conta que a maioria da população é constituída por mulheres, eu acredito que ainda não estamos satisfeitas com a representatividade das mulheres nestes sectores.

Angolana - Como deputada, qual o relacionamento entre as mulheres dos diferentes partidos representados na Assembleia Nacional? É verdade que se entendem melhor que os homens?

Helena Abel - Como mãe e mulher, o nosso sentimento é sempre grande. Temos um relacionamento razoável, mas acredito que devia ser melhor.



Helena Bonguela Abel é presidente da Liga da Mulher Angolana (Lima) organização feminina da UNITA

A questão da violência tem sido todos os dias uma preocupação no nosso país. Para esta questão eu aconselharia em primeiro lugar a elaboração de um estudo de caso, para conhecermos as causas e por último partirmos para a educação.

Angolana - A violência doméstica e os crimes de violência preocupam a sociedade. Qual o caminho a seguir: educação, sensibilização ou o reforço na penalização?

Helena Abel - A questão da violência tem sido, todos os dias, uma preocupação no nosso país. Para esta questão eu aconselharia, em primeiro lugar, a elaboração de um estudo de caso, para conhecermos as causas e, por último, partirmos para a educação.

Angolana - Quais os principais projectos da LIMA para os próximos anos?

Helena Abel - O nosso grande desafio é incentivar mais as mulheres a participarem em questões de interesse público e na formação académica. Outro desafio é a criação do Dia Nacional da Mulher. Infelizmente, o nosso país ainda não tem esse dia. Por isso, lançamos este apelo a todas as mulheres para, em consenso, trabalharmos para a criação desta data. A data de

uma grande nacionalista pode ser escolhida para o Dia Nacional da Mulher.

Angolana - Como mãe, que apelo faz à juventude?

Helena Abel - Em Angola os valores morais, cívicos e éticos desapareceram e nós vamos trabalhar com a juventude para transmitirmos os nossos conhecimentos e tirarmos da cabeça deles aquilo que é negativo. Para os jovens, vai o meu incentivo no sentido de participarem em palestras, campanhas de sensibilização e outras actividades, com o objectivo de aprenderem a preservar os valores culturais.

Angolana - Tem mantido contacto com a sua homóloga da Organização da Mulher Angolana (OMA) para tratar de assuntos relacionados com a mulher?

Helena Abel - Como sabem, fui empossada recentemente. Está para breve o encontro com Luzia Inglês e vamos desenvolver também trabalhos com o Ministério da Família e Promoção da Mulher.

MULHERES RURAIS

As guardiãs dos valores culturais

Mulher rural é essencial ao desenvolvimento económico e social

CLÁUDIA MUHATILI
e CARLA BUMBA

As mulheres rurais são as guardiãs dos valores culturais dos povos, principais transmissoras do conhecimento tradicional agrícola que constitui a base de sustentação do modo de vida rural, reconheceu a chefe do Departamento Nacional de Apoio à Família.

A mulher rural, disse Santa Ernesto, é a prioridade das prioridades dentro das actividades do Ministério da Família e Promoção da Mulher. "As mulheres rurais são um dos factores fundamentais para o desenvolvimento agrícola", referiu, para acrescentar: "Sendo as mulheres rurais as que mais contribuem para a produção agrícola e sustentáculos das economias no meio rural, se elas forem apoiadas o país pode crescer rapidamente."

Desenvolvimento

Resultado do Fórum Nacional de Auscultação da Mulher Rural, realizado no dia 7 de Agosto de 2014, o Programa Nacional da Mulher Rural solucionou os problemas que afectam as famílias no meio rural, como o combate à desestruturação familiar.

De igual modo tem estado a melhorar as situações que mais afectam as mulheres, como o acesso à terra e aos recursos naturais e tecnológicos, ao crédito para aquisição de equipamentos e materiais para a agricultura, a energia eléctrica, água potável, o acesso ao emprego e à formação técnico-profissional, a alfabetização, educação, habitação, cultura, o registo de nascimento, obtenção de bilhetes de identidade e "kits" para as parteiras tradicionais.

Diversificação da economia

Os grandes objectivos do Executivo na sua caminhada rumo ao desenvolvimento sustentável, bem como na concretização dos resultados do Fórum Nacional de Auscultação a Mulher Rural, cujas recomendações foram adaptadas pelo Governo e transformadas em Programa Nacional de Desenvolvimento da Mulher Rural é acertada e visa alavancar o crescimento económico no país, disse Santa Ernesto, que acrescentou: "A aposta na mulher rural, que no campo é capaz de corresponder à dinâmica de que o país necessita para a produção agrícola, é uma mais-valia, pois ela é responsável por 90 por cento da produção, 80 por cento da transformação e cem por cento da comercialização dos produtos."



A mulher rural angolana é responsável por uma importante percentagem da produção e comercialização de alimentos em todo o país

Promoção

Para o desenvolvimento da mulher no meio rural foram formadas 2.630 parteiras tradicionais, a quem foram entregues 6.439 "kits" de parteiras, foram feitas 18 palestras sobre o papel da parteira tradicional, a importância da agricultura e hortas familiares na estrutura económica das comunidades rurais entre outros, disse Santa Ernesto, que adiantou estarem registadas 4.498 mulheres empreendedoras no domínio da agricultura, 5.600 para constituição das comissões de desenvolvimento, 45.341 que frequentam os módulos 1,2 e 3 de alfabetização em varias província, e está assegurada a advocacia às famílias carentes.

O Ministério da Família e Promoção da Mulher realiza Fóruns Nacionais da Mulher Rural de dois em dois anos como órgãos de auscultação dos problemas para fazer uma avaliação contínua dos programas do Executivo direccionados para o mundo rural para ver até que ponto eles estão a ser implementados e também para que a própria mulher tenha conhecimento do que o Executivo tem esta-

do a fazer, explicou Santa Ernesto, que admitiu haver ainda necessidade de acelerar a promoção da mulher rural. "Reconhecemos que a promoção é lenta. A diversificação da economia passa por um maior investimento na agricultura, em

recursos técnicos e tecnológicos, infra-estruturas e recursos humanos."

O programa de crédito agrícola de campanha para apoiar a mulher rural é desenvolvido pelo Ministério da Agricultura, bem como o Pro Ajuda, um pro-

grama que acode às necessidades da mulher rural, disse Santa Ernesto, que informou que algumas das preocupações que constam do programa estão já em execução no Programa de Desenvolvimento Nacional em diferentes sectores.



ECONOMIA COMUNITÁRIA

Produzir sabão caseiro aumenta rendimento das famílias no campo

Produção de sumos e conservas em todo o país

YARASIMÃO

O Ministério da Família e Promoção da Mulher (MINFAMU) desenvolve, em 15 províncias do país, projectos de produção de sabão caseiro, de sumos e conservas e de apicultura, que envolvem milhares de mulheres rurais. O objectivo é melhorar as condições de vida das famílias e promover a economia das comunidades através de negócios sustentáveis.

O quotidiano das mulheres do Mufuna está longe do imaginário de quem vive nas grandes cidades. Marcada pela dureza do trabalho no campo, a vida naquela aldeia do município de Kiwaba Nzoji, província de Malanje, tem aspectos peculiares, próprios das pequenas comunidades, onde impera o espírito de interajuda e a permuta é ainda uma forma privilegiada de comércio.

As produtoras de sabão caseiro começaram por pôr de lado as enxadas durante algumas horas por dia para frequentar um curso promovido pelo Ministério da Família e Promoção da Mulher. O produto é hoje trocado por outros artigos, como arroz, açúcar e sal. A formação, que começou com

apenas 40 mulheres, cresceu para cem, pois, quando as primeiras voltavam para o campo, comentavam com as outras o que tinham aprendido.

No intervalo do trabalho no campo, tinham sempre a hora da “maca”, expressão quimbundo que em português significa conversa, onde o assunto fluía e as colegas se sentiam motivadas a participar.

Verdadeiras guerreiras, essas mulheres velam pelas famílias e dedicam-se ao campo e à produção de sabão, enquanto os maridos deixam os campos para trabalhar nas obras na capital da província por vários dias. São apelidadas de viúvas de maridos vivos.

Em busca de alternativas

As mulheres do Mufuma são muito alegres, festeiras, levam uma vida comunitária muito intensa. Mas a tristeza, por algum tempo, também as acompanhou, por causa da crise que o país vive. O óleo de palma, uma das matérias-primas essenciais para a produção do sabão, subiu de preço no mercado, bem como a soda cáustica. A certa altura sentiram-se desmoralizadas por falta de verbas mas, como diz o di-

tado, “quem não tem cão, caça com gato”, e as mulheres decidiram usar o óleo usado em frituras, cuja colecta é feita em restaurantes e lanchonetes. O sabão produzido é cortado em barras, embalado e vendido.

Os habitantes de outras aldeias juntam-se à comunidade e aí conseguem adquirir o sabão caseiro, que muito tem ajudado as famílias, antes obrigadas a irem até à cidade ou comprar mesmo na aldeia a preços mais altos.

Hoje, as barras de sabão são quase perfeitas. À primeira vista, nem parecem caseiras. Por mês, são produzidos 504 pacotes de sabão de oito barras cada. O preço de venda mínimo, actual, é de 250 kwanzas, com perspectivas de subir para 450 kwanzas devido à escassez de matéria-prima. Dos valores arrecadados com a venda, uma parte vai para a reposição das matérias-primas, para que o processo se torne auto-sustentável, e o restante reverte para a comunidade. O dinheiro obtido complementa os rendimentos das fabricantes e vendedoras de sabão. Há um controlo da produção e a venda de cada uma, para que a divisão dos recursos obtidos seja justa. O produto tem sido bem aceite no mercado.

Projectos sustentáveis

Os projectos fundamentam-se no estímulo ao crescimento económico das comunidades por meio da inovação, garante a directora nacional para o Desenvolvimento Comunitário do Ministério da Família e Promoção da Mulher.

Anot Santos explicou que cada projecto tem como factor principal a participação directa da mulher, na qualidade de protectora e promotora de mudanças. Para Anot Santos, os novos desafios obrigam a uma mudança de atitude, através de agentes capazes de gerir os seus negócios de forma evolutiva.

“Este é um desafio que está a ser garantido através de acções de formação e capacitação, que vão permitir melhorar as condições de vida, com acesso a alimentação adequada pelas famílias e respectivas comunidades, tornando-as auto-suficientes e competitivas”, afirmou.

As acções de capacitação e preparação das cooperativas locais aconteceram com a participação das comunidades, com o



Mulheres desenvolvem técnicas de produção em cooperativas

apoio do Ministério da Família e Promoção da Mulher, através das suas representações provinciais, administrações municipais, comunais e cooperativas responsáveis pela continuidade necessária ao sucesso final do projecto, concluiu Anot Santos.

Mudança de vida

As fabricantes e vendedoras de sabão foram escolhidas entre as centenas de camponesas da comuna do Mufuma. O programa mudou a vida delas. Com as vendas, ajudam na compra de mantimentos para casa. Sentem-se muito mais produtivas e inseridas na sociedade e têm maior autonomia e auto-estima.

“Programas que fazem a diferença para mulheres chefes de família são uma estratégia eficiente para reduzir a pobreza”, disse a directora provincial da Família e Promoção da Mulher, Antónia dos Santos, para acrescentar que o objectivo é fornecer as ferramentas que as mulheres precisam a partir do momento em que concebem o negócio que as leva ao sucesso.

A Direcção Provincial do Ministério da Família e Promoção da Mulher trabalha com parceiros para identificar necessidades e investir em soluções que criem valores mensuráveis e duradouros. “Conseguimos o apoio do Governo Provincial para colmar algumas necessidades. Recebemos luz verde e podemos comprar o óleo de palma para não pararmos de trabalhar e ajudar essas mulheres a terem autonomia financeira e um meio de subsistência seguro”, referiu.

Em Malanje, as mulheres exercem um papel vital em quase todos os lares e contribuem

Mel e conservas

Além de Malanje, projectos de produção de sumos e conservas, sabão e de apicultura estão em curso no Bengo, Zaire, Huíla, Beguela, Huambo, Bié, Cuanza Norte e Sul, Uíge, Cuando Cubango, Lunda Norte e Sul e Moxico. Os três projectos abrangem 4.360 mulheres organizadas em 18 cooperativas, criadas pelo Ministério da Família e Promoção da Mulher. Essas camponesas frequentaram cursos e tornaram-se depois formadoras nas comunidades. O programa começou em 2014. O primeiro ano serviu para a formação das mulheres, 2015 a 2016 é o período de implantação da produção dos insumos, consolidação do fabrico sabão e colocação de colmeias. A criação da agro-indústria Casa do Mel e a monitorização da produção de sabão vai até 2017.

para as economias locais. Antónia dos Santos disse que os programas de reforço do poder das mulheres geram oportunidades económicas sustentáveis, que beneficiam famílias de baixos rendimentos, promovem a igualdade de género e têm reflexos positivos nas novas gerações.

“As mulheres têm a responsabilidade de dar continuidade ao nosso património tradicional e cultural, ensinando as nossas crianças. Assim, podemos garantir que elas vão ter uma melhor educação e ainda manter as suas raízes culturais”, defendeu Antónia dos Santos.



Mulheres reunidas em cooperativas preparam os quitutes da terra numa dinâmica de entreatajuda

PARTEIRAS TRADICIONAIS

A muralha contra a mortalidade materno-infantil em zonas rurais

Função antiga humaniza partos e contribui para a inclusão social

LEONOR MABIALA | CABINDA
TATIANA MARTA | HUAMBO

O papel das parteiras tradicionais é reconhecido pelas autoridades de Saúde como agentes promotoras da humanização do parto, a identidade e inclusão social nas comunidades. Dados oficiais referem que, desde 2012, mais de 3.500 mulheres receberam formação nesta área, em acções promovidas pelos ministérios da Família e Promoção da Mulher e da Saúde. Por todo país, as parteiras tradicionais são uma muralha no combate à mortalidade materno-infantil.

Ana Maria Lelo é uma parteira tradicional bem referenciada na comuna de Malembo, município de Cabinda. Aos 56 anos, já perdeu a conta do número de bebés que vieram ao mundo pelas suas mãos.

Ao Suplemento *Angolana*, Ana Maria Lelo contou que tudo começou em 1983, quando, com apenas 23 anos, foi chamada, por volta das 23h00, para acudir uma vizinha em trabalho de parto. Perante a aflição da mulher, sem experiência nem material adequado, Ana Lelo enfrentou, pela primeira vez, o desafio de ajudar alguém a trazer uma vida ao mundo.

Foi um parto complicado, na medida em que a mulher já não tinha forças para expelir a criança. A ajuda de Ana Lelo foi preponderante para o desfecho feliz da situação, para alegria da família.

Sem precisar o peso, a nossa entrevistada referiu que o bebé nasceu gordinho. “Quando saiu, a criança parecia estar morta, mas depois de umas chapadinhas chorou, para alegria de todos”, disse.

O que começou numa aflição transformou-se em paixão. No princípio, trabalhava de forma empírica, e adquiria experiência a cada parto a que assistia.

Hoje, graças a vários cursos e seminários que frequentou, promovidos pela Secretaria Provincial da Saúde, Ana Lelo diz trabalhar com muito mais profissionalismo.

Importância da formação

Depois das acções formativas, Ana Lelo afirma estar munida de ferramentas que lhe permitem enfrentar melhor as situações e, inclusive, avaliar até onde vão as suas capacidades e responsabilidades. Nos cursos e seminários, recebe conhecimentos sobre as funções de uma parteira tradicional no seio da comunidade e os tipos de casos que deve atender, re-

feriu. O seu papel começa na orientação das grávidas para fazerem as consultas pré-natais.

Por orientação dos técnicos da Saúde, as parteiras tradicionais não devem atender parturientes que apresentem sinais de hemorragia, corrimento ou edemas. Durante longos anos, Ana Lelo trabalhou sozinha mas, devido ao fluxo de pacientes, foi obrigada a recrutar quatro ajudantes.

Sem receber qualquer compensação financeira, Ana Lelo diz que faz o trabalho por amor e caridade e está sempre disposta a ajudar as pessoas. “Continuo motivada a ajudar mulheres que trazem ao mundo novas criaturas, que no futuro são os quadros deste país”, referiu.

A parteira tradicional Ana Maria Lelo suspendeu a assistência aos partos por falta de material descartável, como luvas e ligaduras. As parturientes são levadas para o hospital municipal do Chinga.

Fila de xarás

Arlinda Baka começou na função de parteira tradicional em 1996, na aldeia de Chingolo, município do Bailundo. Hoje, com 55 anos, seis filhos e 11 netos, está registada pelas autoridades após ter frequentado um curso básico de dois meses, promovido pela Direcção Provincial de Saúde.

O exercício é complicado, referiu, pois requer muita atenção e higiene, além de material apropriado, como esterilizador, luvas, máscaras, bata, pensos, compressas já embebidas em álcool, lâminas para o corte e ganchos para amarrar o cordão umbilical.

Com 20 anos de experiência, a parteira tradicional, residente no distrito em Benfica, no Huambo, assiste mulheres durante a gestação, durante e depois do parto, nos bairros da periferia da cidade e aldeias, muitas vezes de difícil acesso.

Arlinda Baka considera apaixonante a actividade por poder ajudar quem precisa, pelo que entende ser necessário mais apoio da Direcção da Saúde. É no período nocturno que mais vezes é chamada para atender mulheres em trabalho de parto, que se pode estender até de manhã, informou Arlinda Baka.

A assistência é grátis. Arlinda Baka e muitas colegas exercem a função por amor, não cobram pelos serviços prestados nem contam com qualquer apoio institucional. Arlinda Baka e as outras 120 parteiras tradicionais catalogadas pela Direcção Provincial da Cultura apresentam muitas di-



Ana Maria Lelo é uma parteira tradicional bem referenciada na comuna de Malembo em Cabinda

ficuldades sobretudo devido à falta de “kits” apropriados para tornar o trabalho mais eficiente.

Aprender sempre

Arlinda Baka afirmou que os métodos que aprendeu durante os seminários de capacitação da Saúde, com acompanhamento da Direcção Provincial da Família e Promoção da Mulher, garantem um trabalho seguro e eficaz e pediu mais cursos de capacitação para aperfeiçoar os conhecimentos.

Do muito que aprendeu nas palestras e seminários a que assistiu, Arlinda Baka realça os cuidados a ter na hora do parto, que deve ser feito em ambiente limpo e confortável. A parteira referiu que antes utilizam técnicas não recomendadas pelos serviços de Saúde.

“Fazíamos os partos com a parturiente encostada à parede, sentada num luando, púnhamos pensos quentes e íamos controlando as contracções até à altura de o bebé vir ao mundo”, acrescentou Arlinda Baka. Também

Fazer a diferença

Arlinda Baka sublinhou que a parteira tradicional pode fazer a diferença nas comunidades. A sua importância pode ser comparada à de um professor, catequista ou mesmo enfermeiro, por ser a quem todas as pessoas da comunidade recorrem em momentos difíceis da vida. Durante os 20 anos de actividade, Tia Arlinda soma 15 xarás, todas vindas ao mundo pelas suas mãos. Para ela, com a educação e sensibilização das comunidades é possível melhorar os indicadores de saúde. Prevenir as doenças através da formação das pessoas fica mais barato do que a cura, considera Arlinda.

se utilizavam excrementos de pato para tratar da cicatrização do umbigo. Com o que aprendeu nos seminários, hoje Arlinda Baka dá atenção a detalhes

como a lavagem das mãos com água e sabão, amarrar o cabelo, tirar os brincos, anéis e outros acessórios, além da esterilização correcta dos utensílios de corte, como tesouras e lâminas.

Alguns conhecimentos antigos foram, entretanto, reforçados, como o uso de produtos naturais, como o chá de barbas de milho, o alho ou a argila. O primeiro é um poderoso diurético e excelente para tratar infecções urinárias, cistites, problemas de rins e bexiga.

O chá de barbas de milho pode ser usado como desinfectante para as mulheres, pois o banho com o chá é excelente quando há sintomas de cistite. Também ajuda a controlar a tensão arterial.

O alho é conhecido pelas suas propriedades como antibiótico, antiviral e anti-inflamatório natural, e a argila é um anti-inflamatório, cicatrizante e excelente eliminador de toxinas e substâncias nocivas do organismo. O uso deste barro obedece a cuidados extras, para evitar outras infecções.

ANTÓNIO SOARES | CABINDA

É GEOCIENTISTA? GEO-ENGENHEIRO? ESTÁ EM FORMAÇÃO?

REGISTE-SE EM

<http://quadros.mgm.gov.ao>

**E FAÇA PARTE DA BOLSA
DE QUADROS DO PAÍS**

O Plano Nacional de Geologia (PLANAGEO) é o maior investimento global jamais feito no nosso país no domínio das geociências, visando a actualização do conhecimento geológico nacional.

QUEM SE DEVE CADASTRAR?

Quadros técnico-profissionais e superiores e estudantes de:

Geologia, Hidrogeologia, Hidrologia, Geofísica, Engenharia Geográfica, Geodesia e Cartografia, Topografia, Geoquímica.

Engenharia de Minas, Laboratório, Matemática, Física, Química, Mineralogia e Petrografia, Sondagem, Geotécnica, Geocronologia e Paleontologia, Ciências Ambientais, Soldadura para a Mineração.

Computação, Gestão Mineira, Gestão Ambiental, Geologia Económica, Economia Mineira, Direito Mineiro.

PREENCHA O FORMULÁRIO DISPONÍVEL NO SITE

<http://quadros.mgm.gov.ao>

**1129 QUADROS
NACIONAIS JÁ SE
CADASTRARAM**

**A COMPETÊNCIA AO SERVIÇO DO PLANAGEO
E DA DIVERSIFICAÇÃO DA ECONOMIA**



Contacto: quadros@mgm.gov.ao | +244 916 532 964

Política de privacidade O Ministério da Geologia e Minas garante que os dados que se registam durante o cadastramento serão utilizados apenas para questões estatísticas do conhecimento dos quadros.

MODA

Estilista Soraia Piedade quer maior investimento

Um maior investimento no sector da moda angolana, no sentido das criações de artistas nacionais conquistarem mercados internacionais, foi defendido em Luanda pela designer e estilista Soraia Piedade.

Ao falar no âmbito do actual estado da moda no país, Soraia Piedade lamentou o facto de este segmento cultural ser pouco apoiado por empresários, já que muitos criadores têm potencialidade para se afirmarem a nível internacional.

Soraia sublinhou que existem no mercado nacional profissionais com talento, mas por falta de apoio limitam os seus projectos. Segundo a especialista, outros factores que podem ajudar no crescimento do sector e no surgimento de novos talentos é a revitalização da indústria têxtil, implementação de cursos superiores de moda, entre outras medidas.

Apesar dessas carências, a designer reconheceu o surgimento de novos talentos no sector, que têm ajudado a impulsionar e a tornar mais competitivo o mercado da moda no país. “Em Angola estão a surgir novos talentos, cada dia mais preocupados com a qualidade e inovação dos seus produtos, para oferecerem serviços de qualidade aos clientes.”

Formada em Design de Moda, pela Universidade Internacional de Curitiba, no Brasil, Soraia Piedade é dona de uma marca de roupa com o seu nome e abriu o seu negócio no país há sete anos.



O ditado diz que “Educar uma Mulher é Educar uma Sociedade” e essa é a tarefa do Ensino de Adultos

ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS

Mulheres mais empenhadas

KÍLSSIA FERREIRA

A maior taxa de analfabetismo em Angola é representada pelas mulheres, com maior impacto no meio rural.

O Ministério da Educação e a Comissão Nacional da Alfabetização, através do programa de Alfabetização e Aceleração Escolar e com o apoio dos seus parceiros, tem cumprido os objetivos da conclusão do Ensino Primário e a continuidade dos estudos por parte das pessoas que por diversas razões não tiveram acesso nem a oportunidade de estudar na idade adequada. Evaristo João Pedro, chefe do Departamento Nacional do Ensino Primário de Adultos, disse que o programa de alfabetização é um instrumento flexível e de carácter obrigatório do Executivo e de todos os agentes do sector de forma a erradicar o analfabetismo nas comunidades.

“O impacto de alfabetizar é muito grande, porque ‘Educar uma mulher é educar uma sociedade’ e ao nível do nosso trabalho da prioridade do Executivo a preocupação é alfabetizar as mulheres em zonas rurais”, disse Evaristo João Pedro. As mulheres, em termos de ensino, são as

mais afectadas, principalmente nas zonas rurais. As mulheres são as mais sensíveis, disponíveis e empenhadas em aderir à alfabetização. “Não é fácil um adulto assumir que não sabe escrever nem ler”, afirma Evaristo João Pedro.

Taxa de desistência

O chefe do Departamento Nacional do Ensino Primário de Adultos disse existir uma grande adesão por parte da população às aulas de alfabetização, mas há, também, um elevado número de desistências no sexo

masculino. Por intermédio dos alfabetizadores existe um contacto directo para os alunos concluírem as aulas e para se evitar maior número de desistências.

Quanto à taxa de aproveitamento, o chefe do Departamento Nacional do Ensino Primário de Adultos salientou que o sexo feminino tem a maior percentagem de aproveitamento, com a faixa etária dos 19 aos 26 anos. Actualmente, considera Evaristo Pedro, os jovens têm mais ambições para a vida e acham que “estudar é o melhor caminho”.

As mulheres alfabetizadas actualmente mostram mais interesse em dar continuidades aos estudos. O Executivo assume o processo de alfabetização como desenvolvimento económico e social do país, porque “é compromisso do Governo garantir a qualquer cidadão angolano o ensino primário”.

Os métodos de Alfabetização de Adultos “Sim eu Posso” e o “Alfa Construir” permite, segundo o responsável, concluir o ensino primário de adultos em 22 meses. Evaristo João diz mais: “só se pode chamar alfabetizado aquele adulto que concluir o ensino primário que é a 6ª classe”.

Resultados da Alfabetização

Com as campanhas de sensibilização, desenvolvidas pelo programa de alfabetização, hoje já é possível ver que o número de desistentes foi mais reduzido no ano 2014, quando estiveram inscritos em todo país 1.203.198 pessoas. Deste número, 824.469 foram mulheres e 378.729 homens. Ao todo, desistiram 116.822 alfabetizandos.

GABRIEL BUNGA

O amor de uma grande mãe

O dia de nascimento de cada um de nós é inesquecível para a mãe. É ela que dá conta da nossa existência nos primeiros dias. Nos nove meses subsequentes, passamos os dias e as noites naquela escuridão do ventre maternal, sempre em contacto com a melancólica voz da mãe.

A grande expectativa está no dia do nosso nascimento. Cada mãe planifica a recepção do seu filho de acordo com as condições sociais e económicas que dispõe. Para quem vive numa zona onde não há condições mínimas de saúde e sem condições económicas suficientes, vir ao mundo ocorre de forma natural.

Ali onde há assistência médica ou os pais dispõem de algumas condições económicas, a mãe planifica, se dá à luz de forma natural ou por via cesariana. Qualquer das vias é sempre um risco de vida para mãe. Tudo isto acontece no total silêncio do bebé. À cesariana, a mãe não sente a dor natural de uma mulher ao dar à luz. Por via natural, o grito da mãe traduz o amor e perene de uma mulher que dá a sua vida para gerar um novo ser.

Os médicos e enfermeiros recebem de braços abertos o bebé. É assim que viemos ao mundo. Este acto que parece ser simples, na explicação teórica e não especializada, é o ponto de partida que nos deve remeter à uma

reflexão profunda sobre a valorização que se deve dar à mulher, em especial à mãe.

As notícias do dia-a-dia dão-nos sempre conta de actos de violência que incidem sobre a mulher. Em todo o país é quase impossível passar-se um dia sem ouvir notícias tristes sobre homens que tratam as mulheres. A violência dos homens contra as mulheres é de todo o tipo, mas a física e psíquica são as mais notórias. É fácil ouvir nos nossos bairros que o tio sicrano ou beltrano bateu na tia X ou Y. Os homens têm a maior responsabilidade de respeitar e cuidar bem das mães, mulheres, irmãs, filhas, etc. Se aos homens fosse dada a possibilidade de assistirem às suas esposas a darem à luz talvez tivessem mais sensibilidade para a mulher e o respeito era outro.

O nosso país não dispõe de lei sobre esta matéria, o que constitui um vazio legislativo neste domínio. É claro que a permissão aos homens de assistirem às suas esposas a darem à luz, implicaria a criação de condições técnicas e materiais para o efeito. Seria necessário que as nossas maternidades tivessem salas próprias para que os homens assistissem às suas esposas a darem à luz.

Deveria ser um acto obrigatório para todos os maridos. Mesmo para aqueles que acham que só assumiriam o bebé. Na verdade, depois do nascimento da criança, a opi-

nião do pretendo esposo, sobre o respeito que deve ter com a mulher, mudaria.

É que os homens, na sua maioria, não têm a noção por onde passa a mulher para dar à luz. Alguns acompanham as esposas até a porta da maternidade e depois ficam fora a espera. É claro que para os sensíveis, o coração bate a velocidade a normal, sempre que sai alguém para anunciar o nome da esposa. Uns ficam em casa ou inventam saídas com amigos para evitar chatice de uma mulher que está prestes a dar à luz.

Na nossa sociedade o homem limita-se a ver a barriga da mulher vazia, depois do parto, e com o bebé ao colo. Não sabe onde a mulher passou para dar à luz ao novo ser. Permitir os esposos a assistirem aos partos das suas esposas seria bom para que haja maior sensibilidade por parte dos homens em relação às mulheres.

Neste mês dedicado à mulher angolana, trago esta reflexão para apelar a todos os homens do nosso país o respeito que se deve dar às nossas mães, irmãs, filhas, netas, esposas, em fim. A mulher é a nossa fonte de vida. Sem elas o que seria de nós? Problemas não de existir sempre. Mas a forma de resolução dos conflitos domésticos nunca deve resvalar para actos que ofendam a dignidade física, psíquica e moral da mulher angolana.

EXPOSIÇÃO

Poesia feminina no Centro Cultural

O Centro Cultural Português promove hoje e amanhã recitais de poesia que enaltecem as qualidades de duas mulheres que se destacaram em diferentes áreas da sociedade angolana. As duas actividades têm como título “A Voz Poética Da Mulher”, sendo a primeira em homenagem à jornalista Luísa Fançony. No dia seguinte é destacada a personalidade de Albina Assis.

MUSONGUÉ

Homenagem às angolanas

A primeira edição deste ano do projecto Muzongué da Tradição arrancou no Centro Cultural e Recreativo Kilamba com um concerto que serviu para homenagear as mulheres angolanas. O espectáculo teve a participação de Lina Alexandre, Gersy Pegado, Calabeto e Eddy Tussa e serviu para saudar o 6.º Congresso da OMA.